



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS
DE LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CHRYSTIANNI LUCENA MACHADO

**A IRONIA NA PRIMEIRA EPÍSTOLA BÍBLICA DO APÓSTOLO PAULO AOS
CORÍNTIOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

JOÃO PESSOA

2020

CHRYSTIANNI LUCENA MACHADO

**A IRONIA NA PRIMEIRA EPÍSTOLA BÍBLICA DO APÓSTOLO PAULO AOS
CORÍNTIOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras da Universidade Federal da
Paraíba como requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Letras, habilitação em Língua
Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Farias Francelino

João Pessoa

2020

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPB - Biblioteca Setorial do CCHLA

M149i Machado, Chrystianni Lucena.

A ironia na primeira epístola bíblica do apóstolo Paulo aos coríntios : uma análise discursiva / Chrystianni Lucena Machado. - João Pessoa, 2020.
36 f.

Orientação: Pedro Farias Francelino.

TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Ironia. 2. Discurso. 3. Dialogismo. 4. Gênero epístola. I. Francelino, Pedro Farias. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 808

Autor: Chrystianni Lucena Machado

A IRONIA NA PRIMEIRA EPÍSTOLA BÍBLICA DO APÓSTOLO PAULO AOS
CORÍNTIOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA.

TCC defendido em: ____/____/2020

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Pedro Farias Francelino
(Orientador)

Profª. Dra. Edjane Gomes de Assis
(Membro interno)

Profª. Dra. Júlia Cristina de Lima Costa
(Membro interno)

Profª. Dra. Maria de Fátima Almeida
(Suplente)

João Pessoa
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço

a Deus, criador e sustentador de todas as coisas, pela vida e oportunidade de fazer este curso;

aos meus familiares, em especial ao meu marido e filhos por muitas vezes deixarem de ter minha companhia por causa dos estudos;

às minhas amigas Carolaine e Elana, pela parceria e amizade nos grupos de estudo, no curso de Letras e na vida;

ao Prof. Dr. Pedro Farias Francelino, meu orientador, pela paciência, incentivo e orientação que foram fundamentais para minha formação acadêmica.

a todos os professores e professoras que fizeram a diferença em minha aprendizagem.

RESUMO

Diferentes pesquisas em Estudos do Discurso têm buscado compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros discursivos nas mais variadas esferas da atividade humana. Uma dessas questões é como podemos reconhecer o tom irônico em um gênero discursivo como a epístola paulina. Sob essa perspectiva, procuramos apresentar uma análise das relações dialógicas materializadas na ironia na primeira epístola bíblica do apóstolo Paulo aos coríntios, a fim de analisar o funcionamento desse fenômeno na perspectiva discursiva e dialógica, no discurso do apóstolo Paulo em sua epístola dirigida aos cristãos de Corinto. Para tanto, foi necessário conceituar ironia a partir dos pressupostos teóricos da análise dialógica do discurso, apresentar o contexto situacional de Corinto para melhor compreensão da ironia no texto e, por fim, analisar o funcionamento discursivo-dialógico da ironia nos *corpus* (1ª carta de Paulo aos Coríntios 4:7-3 e 1 Co 6:5,6). Realizou-se, então, uma pesquisa qualitativo-interpretativista de natureza bibliográfica e documental. Para tanto, baseamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos dos escritos do Círculo de Bakhtin e em pesquisas contemporâneas sob o escopo da Análise Dialógica do Discurso. Diante disso, verificou-se que a ironia é um recurso discursivo-dialógico materializado como palavra bivocal, o que pressupõe a existência de duas vozes opostas, mas complementares para o objetivo do enunciador.

Palavras-chave: ironia, discurso, dialogismo, enunciado, gênero epistolar.

ABSTRACT

Bearing in mind that different researches in Applied Linguistics have sought to understand the constitution and functioning of the speech genres in the most varied spheres of human activity. From this perspective, we seek to present an analysis of dialogical relations, research on irony in the first biblical epistle of the apostle s. Paul to the Corinthians: a discursive analysis, in order to analyze the irony, in the discursive and dialogical perspective, in the discourse of the apostle Paul in his letter addressed to the Christians of Corinth. Therefore, it is necessary to conceptualize irony based on the theoretical assumptions of the dialogical discourse analysis, to present the Corinthian situational context for a better understanding of the irony in the text and, finally, to analyze the dialogical discourse functioning of irony in the 1Co corpus. 4: 7-3 and 1Co 6: 5,6 that are in the Apostle Paul's epistle to the Corinthian Christians. Then, a qualitative-interpretive research of an applied nature and bibliographic procedure is carried out. Therefore, based on the theoretical-methodological assumptions of the writings of the Bakhtin Circle and contemporary research under the scope of Dialogic Discourse Analysis, In view of this, it appears that irony is a dialogical discursive resource in which, through the bivocal word, the which imposes the verification of the existence of two opposing voices, but complementary to the objective of the speaker.

Keywords: irony, discourse, dialogism, enunciated, epistolary genre.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ASPECTOS TEÓRICOS DA IRONIA	11
2.1 - Discurso e dialogismo	11
2.2 - Definição geral de ironia	13
2.3 - A ironia como recurso retórico.....	14
3 CONTEXTO SITUACIONAL DE CORINTO	17
3.1 - Quem era Paulo?	17
3.2 - O contexto histórico-cultural de Corinto	20
3.3 - O gênero carta/epístola	23
4 ANÁLISE DA IRONIA NA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS	26
4.1- 1 Co 4.7-13: Uma questão de orgulho	26
4.2- 1 Co 6:5,6: Existe alguém sábio entre vocês?.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

A ironia tem sido objeto de pesquisa de vários estudiosos da linguagem desde os tempos mais remotos da antiguidade, sobretudo, na filosofia grega.

Seu fascínio consiste nas diversas possibilidades de sentido e uso em variados contextos e circunstâncias. A ironia está intimamente relacionada ao humor, levando até mesmo o discurso mais duro a ser amenizado através do riso, como também pode dar um tom mais ácido e crítico a um modesto texto. Pode levar uma pessoa séria ao riso como também uma pessoa risonha à seriedade, tudo depende do contexto e da forma como a ironia é utilizada. Como afirma Brait (2008, p. 14):

A ironia, seu efeito humorado tanto pode revelar-se via um chiste, uma anedota, uma página literária, um desenho caricatural, uma conversa descontraída ou uma discussão acirrada, espaços “institucionalizados” para o aparecimento de discursos de humor, quanto em outros, como a primeira página de um jornal sério e que não tem por objetivo divertir seus leitores. (BRAIT, 2008, p.14)

A ironia também serve para chamar a atenção do ouvinte/leitor para o que está sendo dito. Um ouvinte/leitor pode não perceber a ironia em um primeiro momento. Para chegar à tal percepção, é necessário perceber algumas características da ironia como, por exemplo, a entonação, para o caso da fala, e o contexto, para a escrita.

Pensando na relevância desse recurso, pretendemos analisar a ironia como procedimento dialógico argumentativo no discurso através da análise de dois fragmentos da primeira carta escrita pelo Apóstolo Paulo aos Coríntios e perceber a relação da ironia com os temas abordados nos textos. Aqui, é importante nos perguntarmos: como podemos reconhecer o tom irônico em um gênero discursivo como a epístola paulina? Para responder a esse questionamento, utilizamos, como fundamentação teórica, os conceitos do filósofo da linguagem Bakhtin (1981, 2003, 2016) sobre discurso, dialogismo e o elemento expressivo na relação valorativa do falante; do linguista Fiorin (2014), sobre o uso da ironia como recurso na retórica, entre outros estudiosos, para compreendermos melhor sobre o fenômeno ironia. Nosso objetivo foi analisar o funcionamento dialógico-discursivo da ironia no discurso do apóstolo Paulo em sua primeira epístola dirigida aos cristãos de Corinto.

De acordo com Machado:

Grças a ele (Bakhtin) nos foi possível enxergar no uso da ironia não apenas o uso de uma simples antífrase maliciosa: a ironia pode se manifestar pela

antífrase sim, mas ela não é apenas isso. Ela faz parte ou ajuda a compor um discurso de caráter transgressivo, que abre espaço para o riso, ao romper com as convenções. Mais que isso, ela pode também apresentar críticas amargas às atitudes por demais dogmáticas, aos discursos totalitários, aos gêneros do discurso que se julgam inatacáveis... (MACHADO, 2014, p. 110)

Para a realização deste trabalho, apresentamos três capítulos nos quais abordamos alguns conceitos. No primeiro capítulo, tratamos a respeito da fundamentação teórica relacionada a linguagem, discurso e dialogismo, bem como o recurso irônico na retórica e sua definição. No segundo capítulo falamos mais especificamente sobre a biografia de Paulo, o contexto de Corinto para uma melhor compreensão da situação vivenciada pelos leitores da época, proporcionando, assim, uma visão geral da epístola como também o próprio conceito de epístola/carta. Por fim, no terceiro e último capítulo, analisamos os fragmentos 1Co 4:7-13 e 1Co 6:5 que se encontram em Coríntios, epístola que faz parte do Novo Testamento bíblico e que foi escrita por Paulo, um dos mais conhecidos e respeitados apóstolos neo-testamentário. Apontamos como a ironia contribuiu para o discurso exortativo de Paulo. Este recorte se fez necessário devido à extensão da epístola, que conta com dezesseis capítulos, e a análise de todos eles, não seria possível num trabalho de TCC, por isso, selecionamos esses fragmentos por tratarem mais especificamente do tema proposto.

A relevância da pesquisa diz respeito a sua atualidade e suas contribuições que são importantes aos estudos bíblico-teológicos, sob o escopo da Enunciação de Bakhtin e o Círculo, uma vez que remete a carência de pesquisas tanto linguísticas quanto teológicas, no cenário nacional, que privilegiam os pressupostos de Bakhtin e o Círculo. Destaco a importância e amplitude do alcance dos estudos bakhtinianos não somente restritos aos estudos filosófico-linguísticos, mas em outros campos do saber, como, por exemplo, o religioso e o teológico. Assim, promovendo novos diálogos sobre a teoria e os métodos interpretativos (histórico-crítico e histórico-gramatical) e atividades de compreensão de textos sagrados, sobretudo, enunciados concretizados na Literatura Cristã, fundamentados a partir de uma abordagem enunciativo-discursiva da língua(gem). Por esses e outros motivos, ressalto a importância desta pesquisa.

Diante de uma figura de linguagem como a ironia tão importante e utilizada pelos mais diversos escritos desde o período clássico até os dias de hoje, é extremamente relevante ressaltar igualmente a sua importância no contexto religioso

e como os autores bíblicos também utilizavam o recurso da ironia na construção de seus enunciados no Antigo e Novo Testamentos.

A metodologia utilizada trata-se de uma pesquisa qualitativo-interpretativista, de natureza bibliográfica e documental.

2 ASPECTOS TEÓRICOS DA IRONIA

Para entendermos a ironia, é necessário partir dos pressupostos teóricos da análise dialógica do discurso e compreender a relação entre discurso e dialogismo, bem como a entonação emotivo-volitiva e valorativa que constitui o enunciado. Falaremos também acerca do significado da palavra ironia e seu uso pelos filósofos gregos. Ainda neste capítulo, trataremos da importância da ironia como recurso retórico.

2.1 Discurso e dialogismo

De acordo com Bakhtin e seu Círculo, durante o processo da interação socioverbal, a produção dos mais diversos tipos de enunciados está diretamente relacionada à esfera discursiva na qual o sujeito enunciadador está inserido. Este, por sua vez, se comunica em uma sequência ininterrupta de enunciados e essa interlocução dá-se de forma dialógica, ou seja, este indivíduo está, inerentemente, em permanente e constante diálogo com o que já foi dito e o que ainda está para se dizer acerca de determinado assunto.

O espaço discursivo em que se concretizam os enunciados é caracterizado por uma densidade dialógica e ideológica. Este se reveste de uma maior complexidade na medida em que o universo discursivo do sujeito é povoado por outras produções discursivas que são provenientes de sua relação com seus interlocutores imediatos, nas interações cotidianas, e por sua relação com a exterioridade que o constitui, ou seja, com o conjunto de enunciados consolidados sócio-historicamente – o interdiscurso.

O sujeito imerso na esfera discursiva, ao enunciar, leva em consideração, em certa medida, os discursos de outrem, provenientes da sua interação com seu interlocutor e de sua relação com a exterioridade que o constitui.

Sobre o dialogismo, afirma Bakhtin:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente

evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. (BAKHTIN, 2003, p.88)

Como podemos perceber, para Bakhtin, nenhuma pessoa tem um discurso totalmente seu, ou seja, todo indivíduo, quando produz qualquer enunciado, está constituído por toda a sua vivência, desde a infância, tanto com pessoas com quem convive, como as ideologias em que crê, tudo que o constitui tem relação com o discurso de outrem.

Concernente à ironia, o filósofo russo afirma que essa dicotomia entre o sério e o cômico já existia nas sociedades primitivas e era usada como um recurso de subversão e desafio. “A fala irônica é representada através da reversão dos papéis sociais na qual o irônico assume a posição do ironizado, criticando ou lhe atribuindo ações antes praticados por quem ironiza” (BAKHTIN, 2013, p 265-267).

Para Bakhtin a “segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta entre duas vozes” (BAKHTIN, 1981, p. 168).

Sobre essa reversão de papéis, Santos acrescenta:

Outra variação de papéis ocorre, quando se inverte – de uma forma dissimulada – a circunstância moral e ética de uma personagem: o inocente torna-se culpado, o vencedor vira o vencido. A hipérbole contribui, da mesma forma, com os procedimentos irônicos, designando e expandindo uma diferença grotesca que beira ao absurdo (SANTOS, 2017, p. 64).

Ou seja, a ironia é um grande exemplo de dialogismo, pois “dentro” da ironia, habitam duas vozes pelo menos, vozes essas que se contradizem para causar o efeito desejado. O sentido irônico é duplo: um, que é a verdadeira intenção do sujeito (pressuposto), e outro, que é expresso para o interlocutor com indicações da sua verdadeira intenção. Estas indicações são apresentadas pelo contexto situacional e através da entonação.

De acordo com Castro:

Ironizar é dizer algo pelo enunciado e, portanto, remeter à enunciação, mas é também, e sobretudo, voltar-se contra a própria enunciação acrescentando-lhe uma idéia oposta e, ainda mais, no mesmo instante em que ela é enunciada. A mesma enunciação serve para dizer A e, simultaneamente, para dizer o seu contrário, devido ao valor argumentativo oposto das enunciações. É esse valor argumentativo que garante a instauração dos opostos (CASTRO, 1997, p. 130).

Mesmo havendo uma oposição entre essas vozes em um mesmo enunciado, há uma coerência, pois essa luta é exposta e fica perceptível para a maioria dos interlocutores.

É nesse sentido que podemos perceber a ironia em enunciados escritos, no qual não temos presente a entonação prosódica. O contexto é a chave para identificarmos a ironia na argumentação do enunciador. Porém, além do contexto, temos também a entonação expressiva emotivo-volitiva do sujeito enunciador que faz parte da intenção discursiva do falante.

Para Bakhtin (2016, p.39), a diversidade de gêneros do discurso é muito grande e de forma tão padronizada “que a vontade discursiva individual do falante só se manifesta na escolha de um determinado gênero e ademais na sua entonação expressiva”.

Quanto a entonação expressiva, afirma o filósofo russo:

O segundo elemento do enunciado, que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento *expressivo*, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. (...) A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado é determinado sobretudo por seu aspecto expressivo (2016, p. 47).

Através do elemento expressivo, o indivíduo reflete em suas escolhas lexicais o tom emotivo-volitivo de tal forma que é possível perceber essa “carga emocional” no enunciado o qual determina a sua intencionalidade. Muitas vezes, na ironia, esta intencionalidade fica pressuposta e é feita uma escolha lexical oposta ao que realmente se quer dizer, mas até mesmo nesta oposição de palavras, percebe-se o “deboche”, “escárnio”, “zombaria”, “desprezo”, “indiferença”, “dó/compaixão”, “lamento”... enfim, algum sentimento desse no qual é possível apreender no texto e compreender o “porquê” o sujeito utiliza tais palavras.

2.2 Definição geral da ironia

O termo ironia vem do grego antigo “*εἰρωνεία*”, transliterado como “*eironēia*”, que significa “dissimulação”. De acordo com o dicionário Larousse Cultural (1999, p. 540), ironia é “um modo de expressão que consiste em dizer o contrário do que as palavras significam”. A ironia é tanto uma forma de expressão literária como

uma figura de retórica que consiste em dizer o contrário daquilo que se quer expressar e tem sido um recurso importante e muito utilizado para o ensino e na enunciação.

Desde a antiguidade, os filósofos já se utilizavam da ironia com o intuito de denunciar, de criticar ou de censurar algo. Para isso, eles descreviam a realidade com termos aparentemente estimados, mas com o objetivo de desvalorizar.

O conceito de ironia socrática (CHAMPLIN, 2002), introduzido por Aristóteles, refere-se a uma técnica intrigante do método socrático. Sócrates se utilizava da ironia do tipo heurístico em seus diálogos, nos quais ele simulava uma certa ignorância sobre determinado assunto, fazendo, então, várias perguntas aos seus interlocutores até que estes chegassem a uma contradição e percebessem assim os erros do próprio raciocínio, alcançando finalmente a compreensão desejada por Sócrates. A ironia, portanto, fazia com que o leitor ou o ouvinte assumisse um papel ativo durante a leitura, pois era necessário compreender certas nuances do texto ou discurso para compreender o tom irônico, levando-o a refletir sobre o tema.

Assim como Sócrates, Kierkegaard também empregava a ironia (SALDANHA, 2015). O filósofo criou vários pseudônimos com o propósito de inventar diálogos com eles e entre eles. Assim, propunha discussões profundas sobre variados temas que eram, muitas vezes, publicados em livros; então o próprio Kierkegaard ou um dos seus pseudônimos faziam críticas consistentes a essas mesmas proposições, apontando possíveis falhas ou inconsistências. Desta feita, a ironia se tornou uma marca que caracterizava seus discursos. Em sua tese de dissertação, Kierkegaard apresenta o conceito de ironia como se fosse um jogo no qual:

Nesse jogo o sujeito é negativamente livre, uma vez que o enunciado não é correspondente ao pensamento. Na verdade, ele é uma distorção proposital do que é pensado. Difere radicalmente, portanto, do discurso comum, que em tese busca apresentar uma relação de verdade entre o que se pensa e o que se diz (SALDANHA, 2015 p. 5- 6).

Tal comparação pode nos levar a pensar que, assim como num jogo, ao fazermos uso da ironia, também precisamos seguir regras, porém, ao contrário disso, a grande variedade de leituras e interpretações dá ao texto mais de um sentido.

2.3 A ironia como recurso retórico

Não existe ironia sem que haja ambiguidade ou seus diversos sentidos ou ainda múltiplas interpretações. Portanto, não há como percebê-la se não considerarmos a

ideologia e o verdadeiro sentido que os interlocutores pretendem ao utilizá-la, que são fatores determinantes para a compreensão do que se quer realmente dizer. Para alcançar essas percepções, é necessário levar em consideração as diferentes culturas, época, a localização geográfica e a posição que o sujeito ocupa na sociedade.

No discurso irônico, a palavra ou discurso tem que estar em oposição à realidade, pois é dito o oposto do que realmente se pensa, como afirma Saldanha (2015):

O enunciado nega o pensamento propositalmente, como estratégia de se fazer entender. Ou, ao contrário, como forma de desdenhar aquele com quem se estabelece o diálogo, hipótese em que mais se aproxima do sarcasmo. Neste caso, seria fazer-se de tolo por entender no outro tolice que nem merece o contraponto. E ainda há a ironia sobreposta, como possibilidade. Esta última acontece quando o sujeito emissor acredita ter sido entendido com sua expressão irônica, quando na verdade isso não aconteceu. Assim a ironia, de certo modo, se volta contra ele (SALDANHA, 2015, p.5).

É de suma importância que o locutor, ao fazer uso da ironia, saiba que seu interlocutor está percebendo o ponto de oposição; se isso não acontece, a ironia volta-se ao próprio locutor. Em tudo isso, a ironia continua existindo e não perde seu efeito, seja ao locutor ou ao interlocutor.

De acordo com Fiorin (2014), o sentido é intensificado graças ao recurso da ironia:

Como eixo da extensão, um significado tem o seu valor invertido, abarcando assim o sentido x e seu oposto. Com isso, há uma intensificação maior ao sentido, pois se finge dizer uma coisa para dizer exatamente oposto. O que estabelece uma compatibilidade entre os dois sentidos é uma inversão. A ironia apresenta uma atitude do enunciador, pois é utilizada para criar sentidos que vão do gracejo até o sarcasmo, passando pelo escárnio, pela zombaria, pelo desprezo, etc. (FIORIN, 2014, p. 71-72).

Para Fiorin (2014), existem, na realidade, duas vozes que estão em conflito, uma dizendo o oposto do que a outra diz e, dessa maneira, uma voz invalida o que a outra voz afirma. Ainda segundo o autor, a ironia pode ser usada como sinônimo da antífrase, pois esta “também é uma operação enunciativa, uma dissimulação do enunciador”.

O Padre Vieira, conhecido por sua excelente retórica, chama a atenção para essa similaridade na primeira parte do *Sermão VII do Rosário*:

O reinado de Davi foi inquieto e perturbado com guerras, e infestado de inimigos. O de Salomão, como ele mesmo diz, não teve inimigo que o

inquietasse: *No est satan, neque; occursus malus* – todo foi sossegado e opulento na mais alta e deleitosa paz. Isto mesmo trouxeram escrito no fado de seus nascimentos, ou no prognóstico e profecia dos nomes de um e outro rei: Davi quer dizer *manu fortis*, Salomão, *pacificus*. Gerou, pois, o rei guerreiro ao pacífico, e o pacífico sucedeu ao guerreiro, porque a paz é filha da guerra, e a guerra sucede a paz. Muito é que de uma mãe tão feia e tão descomposta nasça uma filha tão formosa e tão modesta? Mas por isso os antigos chamaram a guerra *bellum*, não por ironia ou antífrase, como muitos cuidam, senão porque da guerra nasce a bela paz (in: FIORIN, 2014, p. 72).

O Padre Vieira utiliza de uma referência bíblica para falar da paz e da guerra e como elas estão interligadas. Dois opostos que estão tão conectados que praticamente dependem um do outro.

A ironia é um recurso que traz intensidade ao texto e está presente em várias obras literárias. Em um sermão como o acima exposto, em um conto como “A igreja do Diabo”, de Machado de Assis, entre várias outras de suas obras. Encontramos ironia nos enunciados cotidianos, em trabalhos acadêmicos, a ironia é um rico recurso enunciativo.

3 CONTEXTO SITUACIONAL DE CORINTO

É de suma importância entender o contexto histórico da cidade de Corinto e de seus habitantes, e sobre a vida do apóstolo Paulo, pois através desse conhecimento compreenderemos a ironia paulina nos textos que serão analisados. Para tanto, também se faz necessária uma apresentação do gênero carta e sua estrutura.

3.1 Quem era Paulo?

Paulo era conhecido como Saulo, no judaísmo. Seu nome hebraico (DICIONÁRIO HEBRAICO-PORTUGUÊS, 2001, p. 241) *Shaul* (שׂאול) significa “desejado”; em grego (LÉXICO ANALÍTICO, 2013, p. 543), *Saulos* (Σαυλός); e, enfim, Paulo era seu nome latino e significa “menor, pequeno”, como podemos constatar em At 13.9: “Todavia, Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando nele os olhos, disse:”.

Saulo era natural de Tarso, Cilícia (Atos 9:11¹), uma cidade que ficava na Ásia Menor (Turquia atualmente), importante para a região por promover a economia e ser o acesso para o Mediterrâneo (Atos 21:39²). Sua família era uma tradicional “família judia” descendente da Tribo de Benjamim. Era conhecido como sendo um homem zeloso da Palavra de Deus, perseguindo e dando sentenças de mortes a todos aqueles que se manifestassem contrários aos princípios judaicos, sendo seu principal alvo os cristãos. Como o próprio Paulo afirma em Fl 3:3-6:

Pois nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos pelo Espírito de Deus, que nos gloriamos em Cristo Jesus e não temos confiança alguma na carne, embora eu mesmo tivesse razões para ter tal confiança. Se alguém pensa que tem razões para confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado no oitavo dia de vida, pertencente ao povo de Israel, à tribo de Benjamim, verdadeiro hebreu; quanto à lei, fariseu³; quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível (BÍBLIA NVI, 2003, p. 1256).

¹ “O Senhor lhe disse: ‘Vá à casa de Judas, na rua chamada Direita, e pergunte por um homem de Tarso chamado Saulo. Ele está orando”

² Paulo respondeu: “Sou judeu, cidadão de Tarso, cidade importante da Cilícia. Permite-me falar ao povo”

³ A palavra fariseu significa “separatista” e esse grupo era conhecido por seu fervor religioso. Observava a Lei de Moisés com muito rigor assim como as regras impostas pelos rabinos.

Homem erudito, Paulo era respeitado por todos. Teve uma educação excepcional em uma época em que poucos tinham acesso. Foi discípulo do mestre Gamaliel, educador e doutor da lei judaica, líder entre as autoridades do Sinédrio⁴ judeu. Em Atos 22:3, (2009, p. 1183) lemos: "Sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade. Fui instruído rigorosamente por Gamaliel na lei de nossos antepassados, sendo tão zeloso por Deus quanto qualquer de vocês hoje". Era um poliglota e conhecedor de muitos assuntos como filosofia e literatura, poética helenística, além, claro, das Escrituras (Atos 22:2⁵; 26:24⁶; 17:28⁷; Tt 1:12⁸).

Paulo ficou conhecido por sua dedicação e qualificações em todo o Império Romano no primeiro século. Dentre essas qualificações estão as de perseguidor (At 9.13-14⁹), violento (At 22.19¹⁰; 26.11¹¹), cruel (At 8.3¹²; 21.11a) e implacável (At 21.11b¹³).

Diante desse quadro é que o até então conhecido Saulo vai a Damasco para prender cristãos convertidos com objetivo de levá-los a Jerusalém. Então acontece um dos eventos mais importantes descritos na Bíblia, que foi a conversão de Paulo ao Cristianismo, narrada nos capítulos 9, 22 e 26 do livro de Atos dos Apóstolos. De acordo com Atos 9:3-6, lemos:

⁴ Corte Suprema da lei judia, que sob o domínio romano, era uma assembleia de anciãos pertencentes à alta classe política dos judeus. O Sinédrio era dedicado a administrar a justiça, funções políticas, religiosas, legislativas, jurisdicionais e educacionais; em síntese, era a suprema corte legislativa e judicial judaica.

⁵ "Quando ouviram que lhes falava em aramaico, ficaram em absoluto silêncio. Então Paulo disse:"

⁶ A esta altura Festo interrompeu a defesa de Paulo e disse em alta voz: "Você está louco, Paulo! As muitas letras o estão levando à loucura! "

⁷ Pois nele vivemos, nos movemos e existimos', como disseram alguns dos poetas de vocês: 'Também somos descendência dele.

⁸ Um dos seus próprios profetas chegou a dizer: "Cretenses, sempre mentirosos, feras malignas, gluttons preguiçosos".

⁹ Respondeu Ananias: "Senhor, tenho ouvido muita coisa a respeito desse homem e de todo o mal que ele tem feito aos teus santos em Jerusalém. Ele chegou aqui com autorização dos chefes dos sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome".

¹⁰ "Eu respondi: Senhor, estes homens sabem que eu ia de uma sinagoga a outra, a fim de prender e açoitar os que creem em ti.

¹¹ Muitas vezes ia de uma sinagoga para outra a fim de castigá-los, e tentava forçá-los a blasfemar. Em minha fúria contra eles, cheguei a ir a cidades estrangeiras para persegui-los.

¹² Saulo, por sua vez, devastava a igreja. Indo de casa em casa, arrastava homens e mulheres e os lançava na prisão.

¹³ Vindo ao nosso encontro, tomou o cinto de Paulo e, amarrando as suas próprias mãos e pés, disse: "Assim diz o Espírito Santo: 'Desta maneira os judeus amarrarão o dono deste cinto em Jerusalém e o entregarão aos gentios' ".

Em sua viagem, quando se aproximava de Damasco, de repente brilhou ao seu redor uma luz vinda do céu. Ele caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: "Saulo, Saulo, por que você me persegue? Saulo perguntou: "Quem és tu, Senhor? " Ele respondeu: "Eu sou Jesus, a quem você persegue. Levante-se, entre na cidade; alguém lhe dirá o que você deve fazer" (BÍBLIA SAGRADA NVI, 2003, p. 1163 e 1164)

Paulo é confrontado pelo próprio Jesus que o orienta a procurar na cidade por Ananias, um discípulo do Senhor. Enquanto isso, segundo a narrativa, o Cristo já tinha avisado a Ananias que Paulo iria procurá-lo e o ordena a orar por ele para curá-lo, pois Paulo havia ficado cego por causa da luz que havia visto. Apesar do medo por causa da fama de Saulo, que já era conhecida por Ananias, ele obedeceu, como podemos ver em Atos 9:10-22:

Em Damasco havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor o chamou numa visão: "Ananias! ". "Eis-me aqui, Senhor", respondeu ele. O Senhor lhe disse: "Vá à casa de Judas, na rua chamada Direita, e pergunte por um homem de Tarso chamado Saulo. Ele está orando; numa visão viu um homem chamado Ananias chegar e impor-lhe as mãos para que voltasse a ver".

Respondeu Ananias: "Senhor, tenho ouvido muita coisa a respeito desse homem e de todo o mal que ele tem feito aos teus santos em Jerusalém. Ele chegou aqui com autorização dos chefes dos sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome".

Mas o Senhor disse a Ananias: "Vá! Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, e perante o povo de Israel.

Mostrarei a ele o quanto deve sofrer pelo meu nome".

Então Ananias foi, entrou na casa, impôs as mãos sobre Saulo e disse: "Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que lhe apareceu no caminho por onde você vinha, enviou-me para que você volte a ver e seja cheio do Espírito Santo". Imediatamente, algo como escamas caiu dos olhos de Saulo e ele passou a ver novamente. Levantando-se, foi batizado e, depois de comer, recuperou as forças.

Saulo passou vários dias com os discípulos em Damasco. Logo começou a pregar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus. Todos os que o ouviam ficavam perplexos e perguntavam: "Não é ele o homem que procurava destruir em Jerusalém aqueles que invocam este nome? E não veio para cá justamente para levá-los presos aos chefes dos sacerdotes? "

Todavia, Saulo se fortalecia cada vez mais e confundia os judeus que viviam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo. (BÍBLIA NVI, 2003, p. 1164)

Agora, o conhecido apóstolo Paulo, depois de alguns anos de aprendizado sobre Jesus junto aos outros apóstolos e discípulos, tornou-se um dos líderes mais influentes relatados em todo o Novo Testamento.

Voltou seu ministério aos conhecidos gentios, ou seja, não judeus, e pregou as "Boas Novas" de Jesus por inúmeros povoados, vilarejos e cidades, implantando igrejas por várias dessas cidades por onde passava e escrevendo cartas. Catorze

das epístolas paulinas estão incluídas no Novo Testamento, que possui, no total, vinte e sete escritos desse gênero. Desta feita, tornou-se também famoso no meio cristão, sendo respeitado e admirado por todos.

O apóstolo dos gentios é condenado à morte em Roma, onde estava preso, por volta do ano 64 d. C.

3.2 O contexto histórico-cultural de Corinto

A cidade de Corinto era um importante centro comercial que ficava no território da Grécia, tornando-se a sua mais importante cidade. Por causa do seu comércio e localização estratégicos, sua população era composta por romanos, gregos e orientais. Dadas essas circunstâncias, era muito propício para o apóstolo Paulo levar a Palavra do Senhor até aquela cidade.

Outro fator determinante para a ida de Paulo até Corinto foi a situação moral da cidade que fazia de Corinto um solo fértil para a proclamação de Evangelho. Em Corinto havia uma diversidade de deuses e lá ficava o famoso Templo de Afrodite, a deusa do amor, onde mil prostitutas estavam à disposição de seus devotos para a realização de cultos sexuais. Corinto era famosa pela depravação, dissolução e devassidão.

Em Atos 18:1-11, Lucas narra o surgimento da igreja em Corinto:

Depois disso Paulo saiu de Atenas e foi para Corinto.

Ali, encontrou um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, que havia chegado recentemente da Itália com Priscila, sua mulher, pois Cláudio havia ordenado que todos os judeus saíssem de Roma. Paulo foi vê-los e, uma vez que tinham a mesma profissão, ficou morando e trabalhando com eles, pois eram fabricantes de tendas.

Todos os sábados ele debatia na sinagoga, e convencia judeus e gregos. Depois que Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo se dedicou exclusivamente à pregação, testemunhando aos judeus que Jesus era o Cristo.

Opondo-se eles e lançando maldições, Paulo sacudiu a roupa e lhes disse: "Caia sobre a cabeça de vocês o seu próprio sangue! Estou livre da minha responsabilidade. De agora em diante irei para os gentios".

Então Paulo saiu da sinagoga e foi para a casa de Tício Justo, que era temente a Deus e que morava ao lado da sinagoga.

Crispo, chefe da sinagoga, creu no Senhor, ele e toda a sua casa; e dos coríntios que o ouviam, muitos criam e eram batizados.

Certa noite o Senhor falou a Paulo em visão: "Não tenha medo, continue falando e não fique calado, pois estou com você, e ninguém vai lhe fazer mal ou feri-lo, porque tenho muita gente nesta cidade".

Assim, Paulo ficou ali durante um ano e meio, ensinando-lhes a palavra de Deus (BÍBLIA NVI, 2003, p. 1177)

Paulo chegou a Corinto por volta do ano 50 d.C. e foi o primeiro a pregar naquela cidade, inicialmente para os judeus e depois voltando-se exclusivamente aos gentios, ficando lá por dezoito meses pregando o Evangelho e explicando que Jesus era o messias esperado pelos judeus.

A primeira carta escrita aos coríntios foi por volta do ano 55 d.C, quando Paulo estava em Éfeso (1Co 16:18). Foram três os fatores que motivaram Paulo a escrever a carta: 1) Paulo recebeu a visita de alguns irmãos de Corinto que o informaram acerca da existência de divisão dentro da igreja (1Co 1:11; 16:17). 2) Nessa visita, também encontramos o segundo motivo, pois estes irmãos que o visitaram (Estéfanos, Fortunato e Acaico) levaram consigo uma carta da igreja com várias perguntas para Paulo e, por fim, 3) a preocupação de Paulo acerca do mundanismo dentro da própria igreja, ou seja, as práticas imorais e idólatras vigentes na cidade estavam penetrando na igreja e sendo prática também dos crentes de Corinto. Esses são fatores determinantes que explicam a dureza de Paulo na sua escrita.

A carta é bem sistemática com divisões bem claras, uma característica do estilo literário do estudioso Paulo. O comentarista Harrison (2017, p. 6,7) nos apresenta um esboço através do qual podemos ter uma visão panorâmica da mesma.

ESBOÇO

I. Introdução. 1:1-9.

A. Saudação. 1:1-3.

B. Ação de Graças. 1:4-9.

II. As divisões na igreja. 1:10 - 4:21.

A. O fato das divisões. 1:10-17.

B. As causas das divisões. 1: 18 - 4: 5. 1.

Causa 1: Má interpretação da mensagem. 1:18 - 3:4. 2.

Causa 2: Má interpretação do ministério. 3:5 - 4:5.

C. Aplicação e conclusão. 4:6-21.

III. As desordens na igreja. 5:1 - 6:20.

A. Ausência de disciplina. 5:1-13.

B. Os litígios diante dos pagãos. 6:1-11.

C. A frouxidão moral da igreja. 6:12-20.

IV. As dificuldades na igreja. 7:1 - 15:58.

A. Conselho relativo ao casamento. 7:1-40.

- I. Prólogo. 7:1-7.
- 2. Os problemas do casamento. 7:8-38.
- 3. O "postscript". 7:39, 40.
- B. Conselho relativo às coisas sacrificadas aos ídolos. 8:1 - 11:1.
 - 1. Os princípios. 8:1-13.
 - 2. A ilustração dos princípios. 9:1-27.
 - 3. Advertência e aplicação aos coríntios. 10:1 - 11:1.
- C. Conselho referente ao véu usado pelas mulheres nos cultos públicos.
 - I. Razão teológica. 11:2-6.
 - 2. Razões bíblicas. 11:7-12.
 - 3. Razões físicas. 11:13-16.
- D. Conselho referente à Ceia do Senhor. 11:17-34.
 - 1. A indignação de Paulo. 11:17-22.
 - 2. Revisão de instruções passadas. 11:23-26.
 - 3. Aplicação aos coríntios. 11:27-34.
- E. Conselho referente aos dons espirituais. 12:1 - 14:40.
 - 1. A validade do pronunciamento. 12:1-3.
 - 2. A unidade dos dons. 12:4-11.
 - 3. A diversidade dos dons. 12:12-31a.
 - 4. A primazia do amor sobre os dons. 12:31b - 13:13.
 - 5. A superioridade da profecia, e o culto público da igreja. 14:1-36.
 - 6. Conclusão. 14:3-40.
- F. Conselho relativo à doutrina da ressurreição. 15:1-58.
 - 1. A certeza da ressurreição. 15:1-34.
 - 2. A consideração de certas objeções. 15:35-57.
 - 3. Apelo final. 15:58.
- V. *Conclusão: Assuntos práticos e pessoais. 16:1-24.*
 - A. A coleta para os pobres. 16:1-4.
 - B. A planejada visita de Paulo. 16:5-9.
 - C. Recomendações, exortações, saudações e bênção apostólica, 16:10-24.

Com este esboço, podemos ter uma visão panorâmica da carta e compreender melhor a linha de argumentação do autor, de como ele estrutura suas ideias para

responder as questões levantadas pelos coríntios e os demais problemas relacionados àquela igreja.

3.3 O gênero carta/epístola

Aqui se faz necessário esclarecer a diferença entre uma carta e uma epístola. A carta de Paulo aos coríntios trata-se realmente de uma carta ou é na verdade uma epístola? Existem algumas teorias quanto a isso. Para alguns a diferença consiste no tamanho, ou seja, se o texto for curto, trata-se de uma carta e se for um texto longo, trata-se de uma epístola. Para outros, a diferença está no destinatário. Se for para uma pessoa ou um pequeno grupo, trata-se de uma carta, mas se for para uma comunidade inteira, trata-se de uma epístola. Ainda existem aqueles que acreditam que a diferença está no conteúdo. Na carta, o assunto é mais pessoal, íntima enquanto na epístola o assunto é mais abrangente como tratados filosóficos, opiniões e manifestos, verdadeiras obras literárias. Por fim, existem ainda os que afirmam serem sinônimos, não havendo distinções entre as duas.

Aqui trataremos carta e epístola como sinônimos baseados na própria etimologia da palavra *ἐπιστολή* (*epistolê*), que de acordo com o Léxico Analítico (2013, p. 267), significa uma “palavra enviada: uma ordem, determinação, uma epístola, carta”. Porém, é importante fazermos algumas ressalvas. As cartas paulinas, em geral, não têm um direcionamento pessoal. Na maioria das vezes, como no exemplo de 1 Coríntios, ele escrevia para a igreja e seu intuito era que fossem lidas por todos. Nessas cartas ele trazia ensinamentos, admoestações e conselhos, valendo-se de sua autoridade apostólica.

As cartas, portanto, são uma substituição do discurso oral e eram muito utilizadas na antiguidade para substituir a presença física e facilitar a comunicação devido à distância em que se encontravam.

As cartas fazem parte da história, sendo já utilizadas desde os tempos mais remotos. Um dos fatores de seu surgimento foi a necessidade de comunicar-se com alguém que está ausente e a dificuldade de acesso a essa pessoa deram início à utilização das cartas que foi o meio para a resolução desses problemas. Além disso, a escrita pode ser mais precisa, ou seja, traz mais informações que uma comunicação oral.

A sua eficácia foi tão grande que logo se tornou comum e esse reconhecimento deu-se também pela literatura cuja utilização desse gênero¹⁴ foi muito explorada pelos escritores em seus romances, versos, entre outros, a exemplo do famoso romance “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, escrito por Goethe. Oliveira (2006, p. 60) afirma que “o texto epistolar abrange três modalidades: a) a epístola ou carta, em verso; b) as cartas em prosa; e c) o romance por cartas. Ainda segundo o autor (2006, p. 60-61), a carta tem as seguintes características:

- a) situa-se no tempo e no espaço;
- b) revela o motivo e a circunstância que levou a ser escrita;
- c) apresenta um conteúdo variável (doutrinário, amoroso, familiar, didático, crítico, comercial, político, literário, reclamação, etc.);
- d) implica a existência de um remetente e de um destinatário explícito ou não;
- e) confidencial ou pública (constitui-se um crime de violação abrir uma carta endereçada a outrem, mas no passar do tempo poderá tornar-se pública);
- f) caráter confidente;
- g) caráter de cumplicidade.

As cartas eram muito comuns no período do Antigo Testamento e do Novo Testamento, porém, claro, não com a mesma facilidade que encontramos hoje em dia. Conforme Gabel & Wheeler, o cenário dessas correspondências se apresentava da seguinte maneira:

Quem não lia nem escrevia podia contratar escribas. Como não havia serviço postal para levar a correspondência privada, as cartas eram entregues aos amigos que viajavam ao local desejado ou a estranhos em quem se pudesse confiar, que recebiam instruções específicas sobre onde entregar a carta, já que não havia endereços. Nessas circunstâncias, a comunicação bem-sucedida requeria sorte e certa dose de persistência (GABEL & WHEELER, 1993, p.195).

Igualmente a complexidade para se redigir a carta, já que a maioria não sabia ler nem escrever, e a dificuldade quanto ao seu envio, havia também a escassez de material como papiros, pergaminhos utilizados nos tempos bíblicos. Ainda de acordo com Gabel & Wheeler:

¹⁴ De acordo com Maia (1985, p. 174), gênero é a categoria a qual pertence uma obra literária, graças a características relacionadas à situação de comunicação e à forma da linguagem privilegiada, regras ou convenções que nos permitem agrupar, pelas semelhanças, determinados textos.

as cartas eram escritas em quase todos os suportes (por exemplo, pedaços de cerâmica quebrada); mas o material-padrão era o papiro, que era escrito de um lado, dobrado para formar um pacote oblongo, amarrado e preso com um selo de argila. Como o papiro sobrevive indefinidamente num clima muito seco como o do Egito, muitas dessas cartas antigas, no todo ou em parte, ainda existem (GABEL & WHEELER, 1993, p.195).

Na perspectiva bíblica, as cartas não seguem uma estrutura muito diferente da citada anteriormente, porém, ela tem algumas características que lhes são peculiares.

Uma das dificuldades que encontramos ao ler uma carta que está na Bíblia é que, por causa de onde está inserida, ela foi dividida em capítulos e versículos assim como todos os outros textos bíblicos. Porém, essa divisão acaba atrapalhando o leitor de enxergar o todo da carta, se prendendo apenas a leituras de trechos e, muitas vezes, fora de ordem. Assim como, ao recebermos uma carta de um amigo ou parente, a lemos por completo, do início ao fim, deveríamos fazer o mesmo com as cartas bíblicas. Dessa forma, podemos compreender melhor o raciocínio do autor, para quem escreveu e o porquê, tendo a impressão que os primeiros leitores tiveram ao ler as cartas.

Outro aspecto é que nem sempre encontramos o remetente, ou o destinatário ou até mesmo o local de onde foi escrita. Contudo, essa é uma característica importante das epístolas paulinas, que sempre trazem estas informações. A forma das epístolas paulinas é composta por: a) saudação com o nome do remetente, b) ação de graças, c) corpo da carta descrevendo a situação e o objetivo e d) conclusão.

Paulo foi um grande divulgador desse gênero em sua época. Suas cartas eram enviadas, lidas em alta voz para a igreja e depois guardadas tendo um grande valor para a comunidade cristã, já que se tratava de um escrito apostólico, ou seja, Paulo era um dos apóstolos e tinha autoridade como tal.

4 ANÁLISE DA IRONIA NA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

Neste capítulo trataremos da aplicação dos conceitos abordados no capítulo 2 em dois fragmentos da carta paulina: inicialmente em 1Co 4.7-13 e, depois, em 1Co 6.5,6. Veremos como Paulo utiliza a ironia e como esta pode ser percebida por causa do contexto situacional da cidade de Corinto e, mais especificamente, da comunidade que ali se reunia, conforme apresentado no capítulo 3 deste trabalho.

4.1 1Co 4.7-13: uma questão de orgulho

Porque, quem te faz diferente? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido? Já estais fartos! Já estais ricos! Sem nós reinais! E quisera reinásseis para que também nós viéssemos a reinar convosco! Porque tenho para mim que Deus, a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens. Nós somos loucos por amor de Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, e vós fortes; vós ilustres, e nós vis. Até esta presente hora sofremos fome, e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa. E nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos. Somos injuriados, e bendizemos; somos perseguidos, e sofremos; somos blasfemados, e rogamos; até ao presente temos chegado a ser como o lixo deste mundo, e como a escória de todos (BÍBLIA SAGRADA, 2003, p. 1213).

No capítulo anterior, pudemos ver um pouco do contexto situacional que emoldura o discurso de Paulo aos coríntios. Sabemos que Corinto era uma cidade devassa, segundo a perspectiva cristã, com características imorais e idólatras totalmente contrárias ao cristianismo. Paulo vai à cidade, prega o evangelho das boas novas de Jesus e alguns se convertem, nascendo assim a igreja de Corinto. O problema é que nesse contexto em que a igreja está inserida, vários aspectos e comportamentos não cristãos começam a adentrar na igreja. Um desses aspectos era o orgulho intelectual vivenciado pelos habitantes de Corinto, os quais eram instruídos pela filosofia grega e se achavam, aos seus próprios olhos, homens sábios.

Paulo, nos primeiros capítulos da carta, fala contra um problema de divisão presente entre os irmãos da igreja, em que uns diziam ser seguidores de Paulo, outros de Apolo¹⁵ e ainda outros, de Cristo. Como podemos comprovar em 1 Co 1:10-12:

¹⁵ Apolo, uma forma abreviada de Apolônio, era um judeu natural de Alexandria. “Seu dote natural era a eloquência, além de um conhecimento profundo das Escrituras do Antigo Testamento”. Era discípulo de João Batista, através do qual veio a conhecer sobre Jesus, o Cristo, o Messias prometido, porém, foi através de Priscila e Áquila, discípulos de Cristo e moradores de Éfeso, que veio se aprofundar no conhecimento do Evangelho de Cristo. (CHAMPLIN, 2002, p.232).

Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo pensamento e em um mesmo parecer. Porque a respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família de Cloé que há contendas entre vós. Quero dizer com isto, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo (BÍBLIA SAGRADA, 2003, p. 1211).

Essa divisão deve-se, em primeiro lugar, ao forte culto à personalidade existente na cultura que adentrou na igreja. Era costume dos coríntios irem até a praça (*ágora*) para ouvirem os filósofos acerca de várias questões sobre a vida e muitos escolhiam seu filósofo predileto, com quem eles se identificavam e cujas ideias seguiam. Esse costume acabou sendo adotado também na igreja onde os fiéis acabavam por escolher “seu pregador predileto”, o mais eloquente, o mais sábio! Um segundo motivo para a divisão foi a rejeição que Paulo sofria por não ter seu apostolado reconhecido por alguns destes irmãos. Esta rejeição deu-se exatamente pelo fato de acharem Paulo “fraco” nas pregações, mas forte e eloquente quando escrevia cartas.

No capítulo 4, onde nosso fragmento está inserido, Paulo combate os motivos que estavam levando a comunidade à divisão e um desses motivos era o culto à personalidade. É nesse contexto que Paulo profere seu discurso irônico que, segundo Lopes (2008, p. 78), o faz através de quatro contrastes:

Reis x Prisioneiros	Pois, quem torna você diferente de qualquer outra pessoa? O que você tem que não tenha recebido? E se o recebeu, por que se orgulha, como se assim não fosse? Vocês já têm tudo o que querem! Já se tornaram ricos! Chegaram a ser reis — e sem nós! Como eu gostaria que vocês realmente fossem reis, para que nós também reinássemos com vocês! Porque me parece que Deus nos colocou a nós, os apóstolos, em último lugar, como condenados à morte. Temo-nos tornado um espetáculo para o mundo, tanto diante de anjos como de homens (vs. 7-9).
Sábios x Loucos	Nós somos loucos por causa de Cristo, mas vocês são sensatos em Cristo (v. 10a)
Fortes x Fracos	Nós somos fracos, mas vocês são fortes (v.10b)

Nobres x Desprezados

Vocês são respeitados, mas nós somos desprezados!
Até agora estamos passando fome, sede e necessidade de roupas, estamos sendo tratados brutalmente, não temos residência certa e trabalhamos arduamente com nossas próprias mãos. Quando somos amaldiçoados, abençoamos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, respondemos amavelmente. Até agora nos tornamos a escória da terra, o lixo do mundo (vs. 10c-13)

Podemos afirmar que a antítese anda de mãos dadas com a ironia, e fica notório como Paulo se utiliza dessas figuras de linguagem em seu discurso.

No primeiro contraste, Paulo combate a vaidade intelectual dos coríntios afirmando que tudo o que eles possuíam havia sido dado por Deus e, por isso, não tinham motivo para orgulharem-se de nada. Os coríntios se achavam muito espirituais, maduros, uma igreja de sucesso, porém, tal atitude já é uma ironia porque, depois de uma leitura da carta inteira, percebe-se que a igreja era imatura e com vários problemas de caráter, imoralidade, egoísmo entre os irmãos da igreja. O próprio comportamento deles é enganoso, porque apesar de eles se acharem sábios, ricos e espirituais, eram o oposto disso. A ironia consiste no paradoxo entre o que eles realmente eram e o como Paulo os chama. Há uma duplicidade de vozes: a que foi enunciada e a que está por trás, o verdadeiro sentido proposto pelo enunciador.

Paulo então os chama de “reis”, ou seja, abastados, ricos, embora fosse exatamente o oposto que estava implícito nesse seu enunciado. Esse implícito é logo explicitado quando ele diz: “Como eu gostaria que vocês realmente fossem reis, para que nós também reinássemos com vocês!”. Logo em seguida, ele se coloca como um prisioneiro condenado à morte, aquele que nada possui, um “espetáculo (no grego a origem dessa palavra é teatro) para o mundo”. E os romanos estavam bem habituados aos espetáculos!

No segundo contraste, Paulo chama os coríntios de “sábios”, ou como traduziu a Bíblia Nova Versão Internacional, “sensatos”. Porém, no início da carta, logo no capítulo 1, Paulo faz uma diferenciação entre a sabedoria de Deus e a sabedoria do mundo, no vs 22-29, ele diz:

Os judeus pedem sinais miraculosos, e os gregos procuram sabedoria; nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem.

Irmãos, pensem no que vocês eram quando foram chamados. Poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento. Mas Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes. Ele escolheu as coisas insignificantes do mundo, as desprezadas e as que nada são, para reduzir a nada as que são, para que ninguém se vanglorie diante dele. (BÍBLIA NVI, 2003, p.1211)

Paulo agora está chamando-os de sábios, mas de acordo com o conceito que ele tinha dado antes, uma sabedoria “segundo os padrões humanos”, o que estava longe de ser um elogio. Neste sentido, Paulo opera com esses jogos de linguagem por meio da ironia, de um certo “humor inteligente”. Para Bezerra:

(...) o sujeito, ao falar ou escrever, estabelece sua comunicação em um processo que transcende uma atividade de mera transmissão de informações. Ele considera seu contexto social avaliando o que seu interlocutor quer, ou não, ler ou ouvir, além de deixar marcas dialógicas em seu texto (BEZERRA, 2018, p. 37).

Através da ironia, fica evidenciado no enunciado do apóstolo o não dito, porém, ele deixa claro para o leitor esse outro sentido no texto, graças às evidências deixadas por ele no contexto da sua argumentação e na sua entonação expressiva. Sobre isso, afirma Bakhtin:

(...) só o contato do significado linguístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, contato que se dá no enunciado, gera a centelha da expressão; esta não existe nem no sistema da língua nem na realidade objetiva existente fora de nós;
(...) a emoção, o juízo de valor e a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto. Em si mesmo, o *significado* de uma palavra (sem referência à realidade concreta) é extraemocional (2016, p. 51).

Podemos constatar, portanto, que além do contexto situacional em que o autor está inserido, a sua expressividade emocional também nos dá indícios de sua intencionalidade sendo esta mais uma característica para perceber-se a ironia no enunciado.

Paulo se coloca como “louco” de acordo também com o que ele já havia dito: “Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana”. Provavelmente, muitos dos contemporâneos de Paulo o achassem realmente louco por ter deixado

uma carreira promissora e de sucesso no judaísmo como um rabino e passar a viver como um andarilho perseguido e muitas vezes necessitado.

A próxima ironia de Paulo se dá quando chama os irmãos coríntios de “fortes” e se autodenomina de “fraco”. A Igreja de Corinto se considerava uma igreja forte e poderosa. O orgulho, como já dissemos anteriormente, era algo perceptível. Para Paulo, essa força não passa de fraqueza diante de Deus enquanto ele [Paulo] está fraco, aí sim ele está forte “porque o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza”, como ele afirma na sua segunda carta aos coríntios (2Co 12:9¹⁶). Aqui, há uma inversão de sentidos: quando se é forte, na verdade é fraco para Deus, mas, quando é fraco, ou seja, há uma dependência de Deus e não na sua própria força, então verdadeiramente ele é forte porque a sua força não é sua e sim de Deus.

No seu último contraste irônico, Paulo chama os coríntios de nobres (a NVI optou pela tradução “respeitáveis”) e se autointitula de desprezível. Os coríntios almejavam essa respeitabilidade dos homens porque eles próprios se achavam importantes e assim queriam ser também considerados pelos de fora, pois estavam associados a homens famosos como Pedro¹⁷, Apolo e o próprio Paulo. Logo, Paulo lhes explica que os apóstolos não são famosos, pelo contrário, eles passam fome, sede, têm necessidade de roupas, não têm residência fixa, são amaldiçoados pelos homens, perseguidos e caluniados, são a escória do mundo, enfim, o lixo.

De acordo com Santos:

Pode-se apontar, também, que há um tom de absurdo no comportamento adotado pela comunidade em Corinto. Portanto, vemos que, por meio dessa figura retórica, se diz o contrário do que se quer dar a entender, mas, embora a sua forma argumentativa seja indireta, nem por isso a sua força de persuasão é menor.

(...) Paulo trata o comportamento da comunidade de Corinto como uma contradição à mensagem cristã, e se utiliza desse absurdo para usar o tom irônico como argumento em que mostra o “ridículo” de tal situação (SANTOS, 2017, p. 66).

Ao analisar a argumentação paulina, percebe-se a simulação e a contradição como dois termos que revestem sua retórica fundamentada na ironia (CROSSAN, 2007, p. 234). Nesse pequeno trecho do capítulo 4, Paulo usa de ironia ao chamar os coríntios de reis, sábios, fortes e respeitáveis, quando na realidade, estava dizendo o oposto. Eles até podiam se enxergarem dessa forma, mas de acordo com

¹⁶ E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo.

¹⁷ Pedro (ou Cefas), um dos mais próximos de Jesus, era um dos apóstolos mais proeminente no cristianismo, sendo até mesmo, considerado pela Igreja Católica como sendo o primeiro Papa.

o que foi apresentado pelo contexto cultural e situacional da carta, sabemos que os coríntios eram exatamente o oposto disso.

Infelizmente, na carta, não podemos ter a entonação prosódica que Paulo deu a essas palavras ao proferi-las, mas, podemos compreender através da entonação expressiva no sentido de tom emotivo-volitivo o sentimento do autor de confrontar, através do deboche, para que por meio desses paradoxos apresentados pudesse exortar os leitores, levá-los à reflexão e, conseqüentemente, à mudança de suas atitudes na comunidade de uns para com os outros. Vejamos, agora, outro fragmento.

4.2 1Co 6:5,6: Existe alguém sábio entre vocês?

Digo isso para envergonhá-los. Acaso não há entre vocês alguém suficientemente sábio para julgar uma causa entre irmãos?
Mas, ao invés disso, um irmão vai ao tribunal contra outro irmão, e isso diante de descrentes! (BÍBLIA NVI, 2003, p. 1214)

Aqui, a ironia consiste na parte “b” do versículo, já que a frase “Digo isso para envergonhá-los”, é uma afirmação categórica e não irônica do apóstolo. Mais uma vez¹⁸, lembramos que os irmãos de Corinto se gabavam de sua sabedoria e Paulo recorre a esse orgulho em seu argumento para dizer que já que eles são tão sábios, por que não resolvem entre si os problemas entre os irmãos? Por que precisam levar aos tribunais, de juízes incrédulos, os problemas entre os irmãos da igreja para serem resolvidos? Tal atitude era a prova de falta de sabedoria, pois expunha os problemas internos da igreja para os de fora, causando assim, mau testemunho.

No início do versículo podemos constatar o tom emotivo-volitivo do apóstolo de “envergonhá-los”. Esse feito não foi realizado por maldade de Paulo, mas que através do sentimento causado nos irmãos coríntios, de se sentirem envergonhados, pudessem perceber o erro por eles cometido. Paulo está mostrando para eles que o comportamento deles não é o de pessoas sábias; pelo contrário, se eles fossem realmente sábios, a maior prova seria saberem resolver seus problemas internos entre

¹⁸ A análise desse texto foi menos explorada devido ao fato de no texto anterior já ter sido explorado o contexto tratando-se aqui do mesmo, ou seja, de que os irmãos da comunidade de corinto eram orgulhosos e presunçosos quanto ao conceito que tinham deles mesmos.

si. Paulo expressa, enfim, sua indignação com tais atitudes, através da ironia. Para Bakhtin:

Um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva que soa nitidamente na execução oral. A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado (2016, p. 48).

Apesar de o discurso de Paulo não ter sido realizado através da oralidade, mesmo no enunciado escrito, é possível perceber nas palavras do apóstolo suas emoções que valoram esse enunciado. Através do discurso irônico, Paulo procura corrigir atitudes que iam contra aos padrões cristãos adotados pela Igreja de Cristo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que a ironia é um importante recurso dialógico nos mais variados tipos de enunciados e gêneros discursivos. Pensando nessa variedade, escolheu-se como *corpus* a Bíblia e, mais especificamente, dois textos da primeira carta endereçada aos coríntios elegendo-se como temática a ironia na primeira epístola bíblica do apóstolo S. Paulo aos coríntios, mediante uma análise discursiva.

O principal objetivo foi o de analisar a ironia, na perspectiva discursiva e dialógica, no discurso do apóstolo Paulo em sua epístola dirigida aos cristãos de Corinto, valendo-se, como principal referencial teórico, dos estudos do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, dentre outros teóricos.

Para tanto, analisou-se o funcionamento discursivo dialógico da ironia dentro do contexto histórico/situacional da igreja localizada em Corinto. A problemática que surgiu foi a de perceber o tom irônico num texto tão antigo no gênero carta que é um enunciado escrito.

Através do estudo da pesquisa realizada, entendemos o duplo sentido existente na intencionalidade do enunciador através da ironia e que para fosse possível entender essas duas vozes paradoxais, porém complementares, foi necessário compreender o contexto no qual o enunciado está inserido e, também perceber a entonação expressiva desse sujeito enunciador, só assim foi possível identificar a ironia entre o que foi explicitado e o que estava nas entrelinhas dos textos selecionados, ou seja, a verdadeira intenção enunciativa do autor.

O tema é bastante abrangente e vários outros aspectos do discurso dialógico não foram explorados porque foi preciso operar um recorte para darmos conta dos nossos propósitos. Contudo, espera-se ampliar, em trabalhos futuros, a abordagem desse tema, percorrendo outros fragmentos de enunciados bíblicos, principalmente as cartas apostólicas. Espera-se, ainda, que este estudo enseje mais investigações sobre o fenômeno da ironia em enunciados bíblicos e/ou outros da esfera religiosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLMEN, Jean-Jacques von. *Vocabulário Bíblico*. 3. ed. São Paulo: Editora Aste, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino da língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BEZERRA, Symone Nayara Calixto. *A Contribuição da Análise Dialógica do Discurso para o Ensino da Escrita Escolar: do blog ao artigo de opinião*. João Pessoa, 2018.

BÍBLIA, Português. *Bíblia Nova Versão Internacional*. São Paulo, SP: Editora Vida, 2003.

CASTRO, Maria Lília Dias de. “A dialogia e os efeitos de sentido irônico”. In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. Vol. 1. 6ª ed. São Paulo: Hagnos, 2002.

CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. Vol. 3. 6ª ed. São Paulo: Hagnos, 2002.

CROSSAN, J.D. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

GABEL, John B & WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 1993.

HARRISON, Everett F. *Comentário Bíblico Moody*. Vol. 2 – De Mateus a Apocalipse. São Paulo: Batista Regular, 2017.

Disponível em: <https://files.comunidades.net/pastorpatrick/1Corintios_Moody.pdf>. Acesso em: 18/08/2020.

KIRST, Nelson; KILPP, Nelson; SCHWANTES, Milton; RAYMANN, Acir; ZILMMER, Rudi. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. Petrópolis: Sinodal, 2001.

LAROUSSE CULTURAL. *Dicionário de língua portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LOPES, Hernandes Dias. *1 Coríntios: como resolver conflitos na igreja*. São Paulo: Hagnos, 2008.

MAIA, João Domingues. *Literatura: textos e técnicas*. São Paulo: Ática, 1985.

MOUNCE, William D. *Léxico Analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

OLIVEIRA, Davi. *Cartas na Bíblia: Uma Análise do Gênero Textual*. ACTA Científica - Ciências Humanas 2º Semestre – 2006.

SALDANHA, Solon José da Cunha. *O Conceito de Ironia em Kierkegaard*. (XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação SEPesq – 19 a 23 de outubro de 2015).

SANTOS, Antonio Carlos Soares. A arte da Ironia e o Novo Testamento. *Caminhando*, v. 22, n. 2, p. 61-67, 2017.

VIEIRA, Padre Antônio. *Sermões*. Coleção Clássicos da Língua Portuguesa. Biblioteca Nacional. São Paulo: Montecristo, 2012.